

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ - CCCO
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

FRANCISCO DAS CHAGAS DA SILVA MORAES

HISTÓRIA DE VIDA: o pai de santo Aluísio Mota, da cidade de Codó-MA.

CODÓ-MA

2025

FRANCISCO DAS CHAGAS DA SILVA MORAES

HISTÓRIA DE VIDA: o pai de santo Aluísio Mota, da cidade de Codó-MA.

Artigo apresentado a coordenação do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas, do Centro de Ciências de Codó, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciado em Ciências Humanas com habilitação em História.

Orientadora: Profa. Dra. Jascira da Silva Lima

CODÓ-MA

2025

FRANCISCO DAS CHAGAS DA SILVA MORAES

HISTÓRIA DE VIDA: o pai de santo Aluísio Mota, da cidade de Codó-MA.

Artigo apresentado a coordenação do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas, do Centro de Ciências de Codó, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciado em Ciências Humanas com habilitação em História.

Codó – MA, ____/____/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jascira da Silva Lima
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/CCCO/LCH/História
Orientadora

Prof. Dr. Alex de Sousa Lima
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/CCCO/LCH/História
Examinador 1

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/CCCO/LCH/História
Examinador 2

CODÓ-MA

2025

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pela oportunidade de estar aqui presente neste momento único de defesa de TCC. Como também a todos que colaboraram comigo na realização desse trabalho, a minha orientadora Dra. Jascira Lima, as pessoas do Centro dos Cultos Afro-brasileiro São Raimundo Nonato e Santa Filomena, aos amigos de curso Juciel Catuaba, Francisca Cristina, dona Dicinha, Ivanoel, João Torres, dona Santana, e demais colegas de curso.

Agradeço aos membros de minha família meu compadre e irmão Sgtº. Solimar, Deuzamar Dr. Ary dos Santos Moraes, Dra. Samira Trindade, Dra. Catia Silene, Sofia Lorrane, ao meu já falecido pai José Nonato de Moraes e minha mãe Maria Regina Pereira da Silva.

RESUMO

O presente estudo tem como principal objetivo registrar e analisar a história de vida do pai de santo Aluísio Mota, na dimensão de sua prática religiosa umbandista, apresentando o papel social cumprido por ele a frente do Centro dos Cultos Afro-brasileiros São Raimundo Nonato e Santa Filomena, na cidade de Codó-MA. A metodologia que usamos foi a história de vida, adensada por longo período de vivência com o pesquisado. Os principais autores que nortearam as análises foram Prisco (2024), Andrade (2016) e Chauí (1987), além da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Nosso propósito é colaborar para que estudos e pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras e indígenas possam intervir na desconstrução de preconceitos sobre essas práticas religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: História de Vida. Aloísio Mota. Umbanda.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
A HISTÓRIA DE VIDA DE ALOÍSIO MOTA.....	10
O RITO DE PASSAGEM DO PAI DE SANTO ALOÍSIO MOTA.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS	18

1. INTRODUÇÃO

O preconceito contra as religiões de matrizes afro-brasileiras e indígenas é antigo. É fruto de construções históricas seculares baseada em teorias racistas, que associam os povos praticantes dessas religiões a uma raça inferior e amaldiçoada na sua condição de vida.

Neste novo século os ataques violentos a estas religiões persistem, assim como as formas de existência e resistência dessas populações. Vale registrar que ao longo de 2022, o projeto Respeite o Meu Terreiro, liderado pela Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde (Renafro), e pelo Ilê Omolu Oxum, realizou pesquisa com líderes de 255 comunidades tradicionais de terreiro em todo o Brasil. O estudo revelou que 91,7% dos sacerdotes entrevistados já ouviram de seus discípulos que já foram vítimas de intolerância, e quase metade dos terreiros pesquisados sofreram até cinco episódios de racismo religioso nos últimos dois anos. No entanto, apenas 5,6% recorreram ao serviço federal de denúncias, o Disque 100.

Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC), nos primeiros seis meses de 2024 foram registrados 1.940 casos de violação à liberdade religiosa, o que resultou em 1.227 denúncias. Os dados são do Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, obtidas por meio do Disque 100, canal de denúncias contra intolerância religiosa.

Considerando este cenário é imperativo que todos os setores da sociedade desenvolvam ações de enfrentamento a este problema. No campo da educação a Lei 10.639/2003 torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas brasileiras, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Além disso, essa lei inclui o Dia da Consciência Negra no calendário escolar. Ressalte-se que o texto foi atualizado pela Lei 11.645/08 (BRASIL, 2008).

Como estudante do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas, do Centro de Ciências de Codó, da Universidade Federal do Maranhão, após me instrumentalizar de conteúdos sobre o tema das religiões afro-brasileiras e indígenas, especialmente nas disciplinas de história e sociologia, passei a compreender que parte do preconceito contra os praticantes dessas religiões vem do fato das pessoas não conhecerem o que elas são, o que fazem, como e para quem fazem.

Durante longos anos vividos na cidade de Codó ouvi e testemunhei vários casos de intolerância contra os praticantes do Candomblé, Umbanda e do Terecô. Me recordo que quando passávamos com a passeata ao final do festejo uma senhora jogou sal nos participantes, no entanto a passeata não foi interrompida e nem houve reações violentas contra ela.

Estas vivências, somadas ao debate teórico na universidade me motivaram a pesquisar este tema. Assumi, assim, juntamente com minha orientadora, a tarefa de contar a história de vida do pai de santo Aluísio Mota, da cidade de Codó-MA. Com esta história esperamos contribuir para dirimir o racismo religioso praticado contra os pais e mães de santo desta cidade, pois acreditamos que se os serviços prestados à comunidade por líderes dessas religiões, como aqueles realizados por seu Aloísio Mota ao longo de sua vida, forem conhecidos, essas práticas podem ser preservadas e respeitadas.

O principal objetivo do estudo é registrar e analisar a história de vida do pai de santo Aluísio Mota, na dimensão de sua prática religiosa umbandista, apresentando o papel social cumprido por ele a frente do Centro dos Cultos Afro-brasileiros São Raimundo Nonato e Santa Filomena, localizado no bairro São Sebastião, na cidade de Codó, no estado do Maranhão.

Em nossos primeiros encontros e conversas, ocorridas em março do ano de 2010, quando eu ainda nem estava na universidade, informei a seu Aloísio Mota, que gostaria que a sua história de vida virasse tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso, caso eu entrasse na universidade, o que ocorreu no ano de 2015. Ao que ele se sentiu surpreso e honrado com a escolha.

Sobre as questões que norteiam o trabalho procuramos saber por que o pesquisado aderiu a esta religião, se ele foi até ela, ou ele foi escolhido por ela, se ele tinha convivência com alguém que fazia parte da mesma, bem como após ele ter aderido à religião, como ele passou a conviver com essa prática no dia a dia, como ele se tornou líder dentro da religião, quem foi à pessoa que fez a confirmação das entidades na sua cabeça, em que lugar o pesquisado fundou o seu primeiro Barracão e em que ano.

A metodologia que usamos foi a história de vida, adensados com observações feitas ao longo de mais de quarenta anos, tempo em que eu e Aluísio Mota nos conhecemos. Além do levantamento e análise fotográficos do pai de santo, durante suas vivências.

Em termos gerais, o método da história de vida participa da metodologia qualitativa na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. Ao fim da escuta, todo o material é transcrito e discutido entre o sujeito participante e o pesquisador, que, a partir de então, fará um mergulho analítico para buscar identificar naquele material as pistas que o ajudarão a tentar responder suas questões de pesquisa (CHAUI, 1987).

A ideia de transformar esta experiência em trabalho de conclusão de curso se fortaleceu pela simpatia e afinidade pela pessoa e memória do senhor Aloísio Mota. Este pai de santo foi exemplo de líder religioso, e para sociedade codoense era sinônimo de caridade, pois não cobrava a prestação de serviços religiosos para os seus filhos e filhas, nem tão pouco dos populares que o procuravam. Acolhimento, escuta e cura, que se dava através de ensinamentos de seus antepassados, eram serviços gratuitos e visavam o bem comum.

Quando Aluísio Mota era vivo, passei a fazer o registro de seu festejo religioso, a partir do ano de 2009, com fotografias, filmagem e entrevista, como uma entrevista feita com o próprio na festa de 25 anos do salão, que antes se chamava Tenda Espírita de Umbanda São Raimundo Nonato. Após a festa passa a ser chamada pelo nome de Centro dos Cultos Afro-brasileiro São Raimundo Nonato e Santa Filomena. Para nós essa mudança é um reflexo de como a autoafirmação dessas religiões vem se consolidando no Brasil, através da luta do movimento organizado e da participação dos líderes religiosos em espaços de poder.

Como futuro professor negro espero seguir as orientações de mãe Carmem Prisco (2024), pois para ela é função dos/as educadores/as levar estes conhecimentos para a sala de aula e contribuir para perpetuação dos valores civilizatórios de tradição africana. Para ela, mesmo falando línguas diferentes e cultuando seus próprios deuses, esses povos reinventaram suas origens, uniram-se, e pela fusão de suas culturas construíram a nossa religiosidade e conhecimento.

2. A HISTÓRIA DE VIDA DO PAI DE SANTO ALOÍSIO MOTA

Conheci seu Aloísio Mota no ano de 1977, através de vínculos familiares próximos, desde então despertei a curiosidade para saber por que ele havia escolhido a Umbanda como religião. Ao longo dos anos, ele foi me confessando que era uma forma de resistir com as práticas culturais de seus ancestrais africanos, que no período da escravidão foram obrigados a camuflar seus orixás com nomes de santos católicos, como São Jorge e São Sebastião. Ele respeitou e procurou viver sua ancestralidade mesmo tendo sofrido retalhações familiares, por parte da mãe, que era católica fervorosa.

Aluísio Mota foi casado com a senhora Alice, que vieram a ter uma filha que se chama Nubléia, que após alguns anos de convivência o casal veio a se separar, o mesmo não se casou mais, e retomou sua rotina de vida normal.

Em sua própria fala, o pai de santo Aluísio Mota, relata que tempos depois assumiu novo relacionamento com um de seus discípulos da casa. Começa assim um novo relacionamento na sua vida, pois passa a viver a vida amorosa com uma pessoa do mesmo sexo, sendo comunicado para todos os seus filhos e filhas de santo. Com isso, seu companheiro passa a ter um novo papel dentro da casa, o de pai pequeno. Os dois passam a viver dentro de casa e dentro da mesma Religião. Ele relatou que por parte dos filhos de santo não houve nenhuma rejeição. Porém, no ambiente do trabalho, seus colegas nunca aceitaram.

O tema da homossexualidade dentro das religiões de matriz africana e indígenas tem despertado interesse de muitos pesquisadores. Porém para Mott (2003), pesquisador e militante que acumula vasta experiência nesse tema, ainda há muitos mitos e verdades sobre essa questão que precisam ser revelados.

Em sentido complementar Andrade (2016), em pesquisa realizada sobre o tema das homossexualidades em religiões afrobrasileiras, concluiu que ainda precisamos desenvolver teorias que produzam reflexões sobre as rupturas entre a dicotomia masculino/feminino, a fim de explicar melhor o prestígio e o poder que alcançam tanto os filhos de santo do sexo feminino como os pais de santo afeminados.

Ao longo de meu processo de observação dos terreiros e mesas de santo constatei que nem todos os pais de santo são homoafetivos e nem todas as mães de santo são lésbicas. Isso comprova que o fato de pertencer a religião de matriz africana ou

indígena não impõe a estas pessoas a condição de incorporar a identidade sexual de gays ou lésbicas.

O que podemos tomar como verdade é que durante o ritual de confirmação espiritual, na croa do filho ou filha de santo pode haver a incorporação tanto de guia do sexo masculino quanto do feminino. Seu Aloisio Mota recebia como guia de croa a entidade Senhora Maria Lina.

2.1. Aluísio Mota e o trabalho como funcionário público

Para desmistificar a ideia de que pais e mães de santo não seguem a rotina da maioria dos cidadãos brasileiros que trabalham para ter as garantias de sobrevivência material. A partir das décadas de 1960, Aluísio Mota conta que além das atividades como pai de santo, era funcionário público estadual, trabalhando na escola João Ribeiro como porteiro. Como ele mesmo relatou conseguiu o emprego através de amizade que sua genitora tinha com um médico e político da cidade, doutor José Anselmo dos Reis Freitas, que este mesmo já o tinha dado outra oportunidade de trabalho em seu hospital privado, que se chamava na época Casa de Saúde Santa Rita, que ficava localizada na rua São Benedito, no Bairro São Benedito, nesta cidade. Também conta que fez serviços gerais em usina de beneficiamento de arroz, do senhor Moises Alves dos Reis.

Segundo a diretora da escola onde ele trabalhava seu Aluísio Mota era um funcionário assíduo, pontual e receptivo com quem chegava a escola. Devido ao comprometimento com o serviço público a escola inicial para a qual foi nomeado no início da carreira foi a mesma onde se aposentou.

2.2. Aluísio Mota e a iniciação na Umbanda

A ministra religiosa e Iyalorixá, Carmen Prisco (2024) categoriza a Umbanda como uma religião brasileira que sincretiza vários elementos, inclusive de outras religiões como o catolicismo, o espiritismo, as religiões afro-brasileiras e a religiosidade indígena. A palavra Umbanda deriva de m'banda, que em quimbundo (idioma banto) significa sacerdote ou curandeiro.

Para Pinto (2014) existem controvérsias quanto ao surgimento da Umbanda. Os mais antigos narram que as manifestações de espíritos surgiram anteriormente a data em que se comemora seu surgimento em 15 de novembro de 1908. O fato é que como religião brasileira a Umbanda é praticada em todo o solo nacional e traz em seu bojo o diverso ritualismo da cultura local, de acordo com a região do país em que ela esteja sendo praticada.

De acordo com Pinto (2014), este processo de ter uma religiosidade multicultural, ao contrário do que muitos podem crer, enriquece-nos ainda mais e prova o quanto a Umbanda é uma tradição religiosa profundamente brasileira.

Mesmo tendo sido cruelmente criminalizada ao longo da nossa história, com seus dirigentes e praticantes muitas vezes presos por crime de charlatanismo e curandeirismo, a Umbanda resiste com seu Código Ético Litúrgico¹, onde as principais diretrizes que regem e disciplinam a prática da religião, como os ritos e as cerimônias, são preservadas. No Código Ético Litúrgico da Umbanda se encontram artigos relacionados à organização, ritos, liturgia, acessórios, instrumentos litúrgicos e calendários.

O pesquisado neste estudo, em um breve relato, confirmou que ele foi escolhido por esta religião aos seus 14 anos de idade, mesmo enfrentando resistências dos familiares. Seu Aluísio Mota não foi educado com o pai, pois nasceu na cidade de Rosário, com a migração da mãe para Codó ele foi separado do genitor.

Ele conta que não tinha grande simpatia pela religião, haja vista que chegou a fazer a primeira comunhão aos doze anos de idade na religião católica. Ele contou que uma das vezes que recebeu a manifestação espiritual, e que ficou marcado em sua mente, foi quando estava na estação ferroviária da cidade², e foi afetado pelo guia, chegando a cair no chão. Sua mãe, dona Maria Piedade Mota estava presente, e por não entender o que estava acontecendo reagiu com raiva, repreendendo-o violentamente.

Isso se deve a forma como as religiões de matriz africana e indígenas foram sendo tratadas no Brasil, com repressão e violência, apesar de sua influência e importância na construção da cultura nacional. A ignorância com relação a essas culturas gera um

¹ Disponível em: www.fbu.com.br

² Local onde hoje funciona a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, e o Memorial da cidade de Codó, localizado na praça Ferreira Bayma, no centro da cidade.

ambiente propício para intolerância, gerando sofrimento aos praticantes e a todos/as aqueles/as que fazem parte da população negra, que tem os seus direitos de pertença e identidade racial muitas vezes negado em função do racismo religioso.

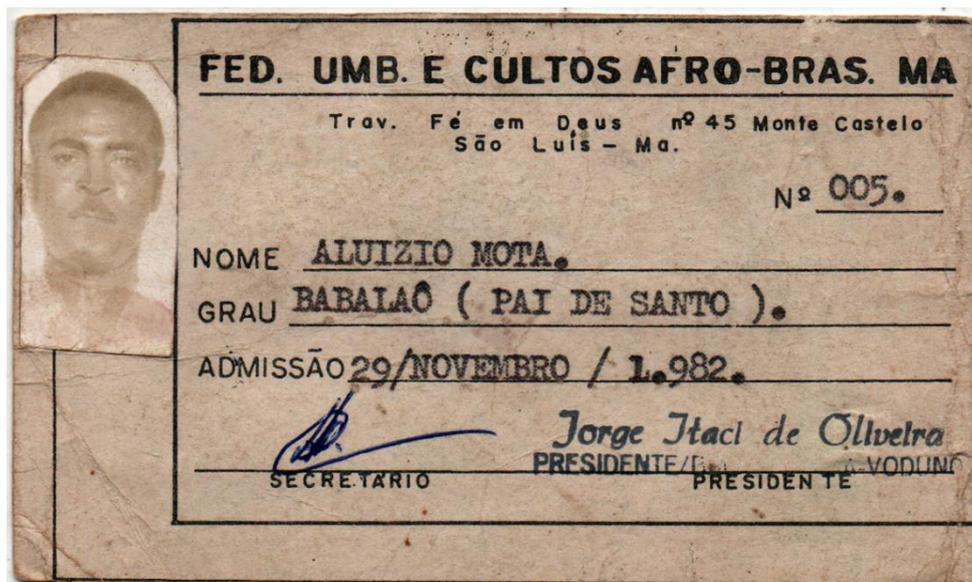
Para Sousa e Caetano (2024), essa convicção de supremacia cultural e religiosa branca reflete-se atualmente por meio da intolerância religiosa, manifestada em práticas de violência verbal, física e epistemológica que seguidores de determinadas religiões utilizam para impor suas crenças sobre outros grupos. Essa discriminação direcionada se manifesta não apenas pela rejeição às crenças em si, mas pela associação dessas práticas culturais e espirituais com estigmas raciais historicamente construídos, o que torna essas comunidades alvo de marginalização social, preconceito e, muitas vezes, violência institucionalizada.

O pesquisado passou por manifestações espirituais em ambiente fechado e espaços públicos, no meio das ruas, antes de aderir, aceitar a Umbanda na sua vida, mas logo que passou a frequentar alguns terreiros e fazer algumas obrigações dentro da religião, a vida foi acalmando.

Neste percurso teve passagem não muito longa pelo salão de umbanda Rainha Iemanjá, do Pai de Santo mestre Bitá de Barão, mas firmou-se no salão de Umbanda da mãe de Santo conhecida como mãe Antoninha, que foi quem fez a sua confirmação de croa, ou seja, na sua cabeça foi confirmada a sua guia chefe, dona Maria Lina de Jesus. O próprio confirmava que não era só um encantado que passava em sua croa, mas também dona Rosinha, o senhor Mensageiro, e a irmã de dona Maria Lina chamada dona Flecheira.

Aloísio Mota foi admitido como Babalaô, pela Federação Umbandista e Cultos Afro-brasileiros do Maranhão em 29 de novembro de 1982, conforme ilustra a figura abaixo.

Figura 01: Carteira de Associado da Federação Umbandista e Cultos Afro-brasileiros de seu Aloísio Mota.



Fonte: arquivo pessoal dos pesquisadores.

No ano de 1987, teve a sua casa fundada, localizada na rua do Oriente, hoje, rua da Coheb, no bairro São Sebastião. Ao passar um longo período nesta mesma rua, após o falecimento de sua genitora, no dia 17 de janeiro do ano de 1977, veio a se mudar, mas permanecendo no mesmo bairro, residindo na rua Travessa Fausto de Sousa, 1746-A, e assim construindo um novo salão junto com a sua residência, dando continuidade aos trabalhos dentro de sua, agora confirmada, religião umbandista.

Figura 02: Seu Aloísio no altar das imagens, no Centro dos Cultos Afro-brasileiro São Raimundo Nonato e Santa Filomena.



Fonte: arquivo pessoal, 1998.

Pelo que ouvimos nas conversas os nomes de pessoas como a senhora Benedita Brandão, comadre de alma do pesquisado, Domingas do Sinésio, a senhora Darinha, a senhora Maria da Luz, a senhora Carmozina Moreira, a senhora Tereza, a senhora Maria Rita, o senhor Saturnino Moreira, o senhor Santu, o senhor José do João, dentre muitos outros, eram pessoas importantes na vida de Aloísio Mota, pois também foram fundadores da casa. Eram adeptos da mesma religião e tinham relações de compadre e padrinhos.

Para manter a respeitabilidade junto aos filhos da casa e aos demais setores da sociedade seu Aloísio Mota cumpria o papel social de homem hetero normativo, pois ao sair da tenda, ao final dos rituais ele trocava as vestimentas de seu guia por roupas que o caracterizam como homem hétero. Esta postura reforça o senso comum de que, em sociedades machistas, homens héteros gozam de privilégios, que homens gays não possuem.

Figura 03: Seu Aloísio Mota com seu companheiro e pai pequeno da casa o senhor Elias Alves.

Depois da passagem desta para a outra vida (digo) após a morte do Sr. Aloiso Mota Como ficou o Sr. Elias Alves da forma material, fui atrás do mesmo para saber como ele estava

e como tinha ficado sua situação em relação aos bens, seus pertences, suas roupas da religião, suas roupas pessoais, como tinha ficado a questão da sua residência e o centro dos cultos afro (digo) o salão, e sua dependência financeira, pois Sr. Aloiso Mota era funcionário público e já divorciado do seu primeiro relacionamento.

O Sr. Elias Alves ao ser indagado sobre esses questionamentos resolveu a falar: que ele ao chegar do campo santo, ou seja, o cemitério, chamou a filha do falecido que estava presente no sepultamento pois a mesma não morava mais na cidade de Codó. Tocou em seu braço e entraram na casa do Sr. Aloiso e foram direto nos quartos e fez a entrega de tudo que havia dentro das gavetas, nos cabides panos de joias relógios corte de tecidos e como também suas roupas da religião e tudo que tinha dentro de casa como moveis e eletros domésticos e foi morar nos fundos do salão ou seja da tenda da legião e com os aposentos que tinha nos fundos também digo local quem nos dias de festejos era alojados as pessoas das outra tendas que vinha de fora para as obrigações da referida festa. E quanto à pensão do Sr. Aloiso, engada o entrevistador? ... com apalavra o Sr. Elias Alves nos fizemos o festejo durante (07) sete anos como tinha combinado com as filhas e filhos de santo ao chegar do cemitério, mais só após o festejo do último ano do prometido festejo que recebi a noticia de um advogado que cuidava dessa questão este mesmo era muito amigo do Aloiso e foi atrás da referida pensão e me deu essa noticia que fui agraciado com esse direito pois a minha situação financeira não estava muito boa, comprei uma casa para mim pois eu estava morando nos fundo do barracão digo Salão.



Fonte: arquivo pessoal, não datado.

2.3. Aloísio Mota e o trabalho social com as mães da comunidade

Seu Aloísio fazia importante trabalho social na comunidade, especialmente no dia dedicado as mães. Ele festejava a data em seu salão, dois domingos após a data oficial, para que tivesse maior público presente, onde havia rezas e logo após distribuição de presentes, se confraternizavam com coquetel. Quando a festa começou os presentes eram sorteados, mas após algum tempo, com a confiança que despertou em parceiros lojistas da cidade e amigos políticos, passou a ser distribuído para todas as mães presentes.



CELEBRAÇÃO ALOISIVA AO DIA DAS MÃES, DOIS DOMINGOS APOIS A DATA COM AS MÃES DO BAIRO QUE O MESMO MORAVA

3. O RITO DE PASSAGEM DO PAI DE SANTO ALOÍSIO MOTA

Os rituais fúnebres foram conduzidos de acordo com o artigo 25 do Código de Ética da Umbanda³, que diz que no ofício fúnebre a cerimônia obedece ao ritual de abertura dos trabalhos, tendo antes da prece, a cerimônia da vela, na qual os membros da família, os amigos do desencarnado e os médios da corrente levam velas acesas ao Assentamento das almas.

O senhor Aloísio Mota faleceu em setembro de 2018, de infarto fulminante, enquanto conversava na casa de uma de suas filhas de santo. O ritual de despedida espiritual do Pai de Santo Aloísio Mota foi feito pelo seu filho de santo de São Luís, o senhor Edivan, pois o mesmo já era confirmado também como Pai de Santo, e junto com os filhos/as de santo da casa e dos outros salões de Umbanda, e o povo em geral fizeram a despedida.

Comenta-se que o cortejo fúnebre foi um dos mais acompanhados na cidade de Codó, pois o senhor Aloísio Mota tinha 101 afilhados e compadres e comadres de alma como são chamados.

Na parte espiritual foi feito todo o trabalho de desligamento ou seja um despacho do salão, aonde são colocadas muitos galhos de matos, como também é dado um descarrego de incensos (digo) defumadores pipocas e uma bacia com água com todos os materiais, tudo isso em torno do caixão no meio do salão ou seja do barracão como é chamado, no momento do ritual é feito muitos cânticos ou doutrinas popularmente chamado na umbanda, Alguns de seus vestis são cortados e colocadas em um cofo de palha de palmeira, as roupas e objetos foram levados por um dos seus abatazeiro, (tambozeiro) que pela regra do ritual é levado logo que o corpo saia para o campo santo, neste caso foi levado pelo senhor Raimundo do Santo (abatazeiro). e posteriormente é colocado nas matas e jogado nas águas

A hora do sepultamento é muito difícil para os filhos/as de santo porque os guias se manifestam, mesmo naqueles que não são da casa, pois há uma radiação muito forte, como é chamado por eles.

³ Disponível em www.fbu.com.br

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O registro da história de vida do pai de Santo Aloízio Mota, do Centro dos Culto Afro-brasileiro São Raimundo Nonato e Santa Filomena, da cidade de Codó, no estado do Maranhão servirá para que futuras gerações saibam quem ele foi, e o trabalho espiritual e social que fez como líder religioso para os populares que o procuravam. Também informa aos leitores sobre como eram e são os pais e mães de santo, seres humanos que doam sua vida a serviço dos outros.

A história de vida do pai de Santo Aloísio Mota corrobora para a compreensão e reconhecimento de que os povos africanos e indígenas contribuíram para a formação social, econômica, política e cultural do Brasil, durante o processo de construção da identidade brasileira, resistindo e existindo com sua cultura, especialmente as manifestações religiosas.

As políticas públicas de enfrentamento ao racismo, como a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 é um importante ferreamente utilizada para educar a sociedade sobre a cultura dos povos africanos e os povos originários. Assim a sociedade aprende a valorizar a herança religiosa que esses povos deixaram.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luiz Antônio Teixeira. **A homossexualidade masculina nas religiões de matriz africana**. Trabalho de Conclusão de Curso, Especialização – Religiões e Religiosidades Afrobrasileiras: Política de Igualdade Racial em Ambiente Escolar. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2016.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília, 10 de março de 2008; 187ª da Independência e 120ª da República (Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em 02/12/2024.

CHAUÍ, M. (1987). **Apresentação: os trabalhos da memória**. In BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.

MACHADO, João Batista. Codó, histórias do fundo baú/João Batista Machado. - Codó: FACT/UEMA, 1999. 298p.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: Mitos e Verdades**. Salvador, Ed. GGB, 2003.

RIBEIRO, Josenilda Oliveira. Sincretismo Religioso no Brasil: Uma Análise Histórica das Transformações no Catolicismo, Evangelismo, Candomblé e Espiritismo, 2012.

PINTO, Flávia. Umbanda Religião Brasileira: Guia para leigos e iniciantes. Editora Pallas, 2014.

PRANDI, Reginaldo. Religião e Sincretismo em Jorge Amado. Pdf, hora da pesquisa 3:14 em 02/02/2016.

QUEIROZ, M. I. P. 1987. “Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’”. In *Ciência e Cultura* 39(3): 272-286. REVEL, J. 1992. “Microanálise e construção do social”. In J. Revel (org.) *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV.

SOUSA, Ana; CAETANO, Gabriel. **COLONIALISMO E RACISMO RELIGIOSO: AS BASES HISTÓRICAS DA DISCRIMINAÇÃO CONTRA RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS SOB A PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL E DECOLONIAL**. Revista Tópicos, v. 2, n. 15, 2024. ISSN: 2965-6672.

SITES CONSULTADOS:

UMBANDA E ORIXÃS. **O que é Umbanda.** Disponível em: <<http://umbanda-orixas.info/o-que-e-umbanda.html>>. Acesso em 01 de junho de 2019.

CRENÇAS. Disponível em: <<https://www.adventist.org/pt/crencas/>>. Acesso em 20 de março de 2019.

MDH - Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (www.gov.br/mdh). Acesso em 20/11/2024.

PRISCO, Carmen S.. **Desfazendo estereótipos: As religiões de matrizes africana.** Entrevista concedida ao Blog Negro Nicolau. Entrevistador: Nicolau Neto. Disponível em: www.blognegronicolau.com.br. Acessado em: 08/01/2024.